



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

LAURA CONDE MORALES

**ABUSO SEXUAL INFANTIL:
A CONSTRUÇÃO DA FIGURA PENAL
ATRAVÉS DA ANÁLISE DA PRESENÇA DO
TEMA EM OBRAS LITERÁRIAS.**

Assis, São Paulo.
2014

LAURA CONDE MORALES

**ABUSO SEXUAL INFANTIL:
A CONSTRUÇÃO DA FIGURA PENAL ATRAVÉS DA
ANÁLISE DA PRESENÇA DO TEMA EM OBRAS
LITERÁRIAS.**

Trabalho de Conclusão De Curso apresentado ao
Núcleo de Monografia e Prática Jurídica do
do IMESA (Instituto Municipal de Ensino
Superior) como requisito do Curso de Direito.

Orientador (a): Elizete Mello da Silva.

**FEMA – FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS
2014**

**ABUSO SEXUAL INFANTIL:
A CONSTRUÇÃO DA FIGURA PENAL ATRAVÉS DA ANÁLISE
DA PRESENÇA DO TEMA EM OBRAS LITERÁRIAS**

LAURA CONDE MORALES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis como requisito do curso de Graduação, analisado pela seguinte comissão analisadora:

ORIENTADOR: _____

ANALISADOR : _____

ASSIS,

2014

Sumário

Dedicatória.....	04
Resumo.....	05
Abstract.....	06
Lista de Ilustrações.....	08
Introdução.....	09
I- Da pedofilia e da exploração sexual infantil.....	13
1.1 Conceito de Pedofilia.....	14
1.2 O perfil do abusador.....	15
1.3 A pedofilia nos dispositivos legais.....	16
1.4. A exploração sexual infantil.....	17
1.5 Perfil das vítimas de exploração.....	19
II- A presença da pedofilia na Literatura.....	21
2.1- Lolita e a imagem da ninfeta.....	21
2.2 O abuso relatado pela própria criança no conto de Marcelino Freire.....	25
2.3 A denúncia social na obra de Gabriel García Márquez.....	27
III- Das formas de assistência à criança abusada.....	30
3.1 Relatando os abusos através de desenhos.....	31
3.2 Projeto Pétala- Hospital Regional de Assis.....	37
Considerações Finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	44

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Adriana e Fábio, a minha avó Judimeire, a Professora Elizete Mello da Silva, por toda a orientação e dedicação, aos meus amigos, que estão sempre ao meu lado e a todos que contribuíram, direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho descreve a abordagem da pedofilia e da exploração sexual infantil em obras literárias como o romance de Vladimir Nabokov, *Lolita* e o livro de Gabriel Garcia Márquez, *A Incrível e Triste História de Cândida Erêndira e sua Avó Desalmada* e *Papai do Céu*, conto de Marcelino Freire.

Questiona-se também se esses crimes, previstos no Estatuto da Criança e Do Adolescente, descendem de um hábito culturalmente adquirido pelo homem, já que antigamente considerava-se comum o casamento entre meninas menores de idade e homens mais velhos.

A atração sexual por crianças e jovens, ainda em sua formação corporal, existe há muito tempo, antes mesmo da criação de leis para a proteção da criança e do adolescente, visto que tal conduta era moralmente aceita pela sociedade.

Objetiva-se com o trabalho analisar as obras literárias que abordam como tema a relação de pedofilia, observando seus aspectos morais, históricos, sociais, além das características psicológicas das personagens e ainda, a possibilidade de intertextualização entre a ficção e a atualidade, principalmente no cenário brasileiro.

Palavras-chave: Abuso sexual infantil, Pedofilia, Literatura.

ABSTRACT

This work describes the theme of pedophilia and child sexual exploitation in literature works of writers as Vladimir Nobokov in *Lolita* and the book of Gabriel Garcia Marquez, *A Incrível história de Cândida Erêndira e sua Avó Desalmada*, and the short tale of Marcelino Freire, *Papai do Céu*.

We wonder about if the crimes defined in “Estatuto da Criança e do Adolescente” are decended from a culturally acquired habit by man because once the marriage between older men and underage girls was considered common.

Sexual attraction to children and young people, still in their body development, has long existed even before the creation of laws for the protection of children and teenagers since such conduction morally accepted by society.

The purpose is analise theses literary works that address the theme of the relationship pedophilia, observing the moral, historical and social aspects as well as the psychological characteristics of characters, and also the possibility of intertextualization between fiction and actuality, primarily in the Brazilian scenario.

KEY-WORDS: Child Sexual Abuse; Pedophilia; Literature

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Elena, 6 anos.....	34
Figura 2: David, 8 anos.....	34
Figura 3: Isabel, 8 anos.....	35
Figura 4: Marina, 5 anos.....	35
Figura 5: Ester, 9 anos.....	37
Figura 6: Toni, 6 anos.....	37

Introdução

A pedofilia e o abuso sexual infantil são delitos muito presentes e comentados dos dias atuais, levando-se em conta as inúmeras redes de prostituição infantil e também de pornografia envolvendo menores que encontramos não só no Brasil, como em todo o mundo.

Existem muitas pessoas, homens em sua maioria ou quase que totalidade que possuem atração sexual por crianças e adolescentes e que acessam essas redes em busca da satisfação desse fetiche ou doença, já que pode ser considerado assim por muitos.

O enfoque do presente trabalho não é analisar a pedofilia e seus casos atuais e sim elaborar uma pesquisa histórica, literária e jurídica sobre como a pedofilia e a exploração sexual infantil foram tipificadas como crime no Código Penal, ou seja, o caminho que a conduta percorreu até virar um crime de preocupação mundial, uma vez que se sabe que em determinadas épocas era considerado normal um homem mais velho relacionar-se e até mesmo casar-se com uma adolescente.

A prática sexual com crianças é algo muito antigo e esteve sempre presente na história da sociedade. No império romano, em seu período Monárquico, compreendido entre 753-509 a.C, era considerado absolutamente aceitável homens adultos se atraírem e relacionarem com menores de ambos os sexos, desde que esta relação fossem entre um aristocrata e um escravo.

Segundo Tomas Lacqueur a pedofilia só foi considerada crime no século XIX. O historiador afirma que a conduta passou a ser repreendida em função

dos jovens não possuem capacidade de formar juízos a respeito, diferentemente de seus abusadores que possuem plena consciência da imoralidade da conduta.

Através da Literatura podemos observar as opiniões e críticas sociais feitas pelos autores de obras que trazem a pedofilia e a exploração sexual infantil em seus conteúdos, sendo possível também uma análise cronológica da tipificação do crime, observando se na época em que a obra foi escrita ou onde se passa a história, já se considerava a pedofilia um crime ou se era moralmente aceitável.

Pensar em uma criança ou adolescente de forma sexual não significa ser pedófilo, de acordo com o entendimento de Lacqueur, que afirma também que a pedofilia é algo errado na sociedade moderna, pois está associada ao mercado pornográfico e é prejudicial à criança.

Por outro lado ainda há a questão alegada por muitos envolvidos em escândalos de pedofilia: que a sedução partiu da própria criança ou adolescente. Tal alegação nos remete ao romance de Vladimir Nabokov, "Lolita", que trata de uma adolescente seduzindo seu padrasto até criar uma relação problemática e intensa entre os dois.

A sociedade moderna, de certo modo está cheia de "Lolitas" em seus trajes provocantes e danças sensuais incentivadas pela indústria da música e da televisão, porém tais comportamentos não podem ser culpáveis, uma vez que estas crianças estão em sua formação de caráter e personalidade e cabe aos pais e educadores coibirem tais condutas a fim de evitar que estas crianças caiam nas redes de pedofilia e nos mercados de exploração sexual infantil.

Já existem entendimentos e decisões jurisprudenciais que absolvem ou diminuem a pena do acusado de pedofilia, se ficar comprovada através de perícia e exame psicológico a maturidade sexual da vítima menor, em virtude de que as jovens estão iniciando suas vidas sexuais cada vez mais cedo,

influenciadas pelos modelos de comportamento da atualidade, o que descaracterizaria sua condição como vítima de pedofilia ou abuso sexual infantil.

Ao julgar um caso de pedofilia ou abuso, o juiz deve observar todos esses fatores culturais, sociais e comportamentais para que a decisão e a aplicação da pena possam ser justas ao caso concreto.

Por mais que parecem cada vez mais adultas, as nossas crianças são ainda frágeis e manipuláveis por um adulto como qualquer outra criança em sua formação psicosssexual.

Quando falamos em como a pedofilia se tornou um crime ao longo dos anos devemos observar a transformação moral e cultural da sociedade, remetendo à Pirâmide de Kelsen, onde há a relação entre fato, valor e norma. A partir do momento em que se tornou imoral e inaceitável a relação sexual entre um adulto e uma criança ou adolescente, esse fato passou a ser valorado de forma diferente e foi incorporado aos costumes, advindo daí a necessidade de transformá-lo em norma, tipificando a conduta como crime.

Pode-se dizer que o crime de pedofilia passou a existir por causa da mudança no comportamento da sociedade, inclusive nos padrões de família e casamento, uma vez que a mulher vem perdendo o seu papel de dona de casa e esposa servil e conquistando cada vez mais seu espaço no mercado de trabalho. Por isso hoje em dia as meninas estão sendo educadas para conquistarem sua liberdade e independência, não mais para se casarem assim que atingem a primeira menstruação, como se fazia há certa de algumas décadas atrás.

Há outro importante fator a ser analisado acerca da exploração sexual infantil, que é o econômico.

Muitas famílias que não possuem condições econômicas de sustentarem seus filhos e vivem em regiões de poucos recursos, como por exemplo o Nordeste brasileiro, acabam explorando sexualmente as crianças como fonte de renda para suas casas, como é tratado na obra de García Marquez, “Cândida Erêndira e sua Avó Desalmada”, onde a personagem principal é obrigada a prostituir-se assim que inicia sua puberdade e sua aliciadora é sua responsável.

A história, embora fictícia é realidade em muitos países de terceiro mundo. Há ainda o tráfico de menores para países europeus, nos levando a conclusão de que a rede de pedofilia é tão grande e lucrativa quanto a do tráfico de entorpecentes.

As famílias que exploram suas próprias filhas, netas ou sobrinhas têm consciência da imoralidade do ato muitas vezes, porém a falta de recursos e condições para uma vida digna acaba influenciando nesse tipo de caso e em muitas ocasiões, as mulheres antecessoras dessa família também foram obrigadas a se prostituir para prover alimentos aos familiares.

É importante analisar os caminhos da formação desse delito e a literatura tem um papel de suma importância nesse trajeto, pois é nas críticas sociais feitas pelos autores que podemos perceber o processo de transição e transformação da moral e sua influência no comportamento humano, inclusive na elaboração de dispositivos legais que atendam as transformações históricas e culturais de um povo.

I- Da Pedofilia e Exploração Sexual Infantil

1.1- Conceito de Pedofilia

Pedofilia, ou pedosexualidade é uma forma de perversão sexual na qual um indivíduo adulto tem seu desejo e atração sexual ligada primariamente a crianças em seu estado de puberdade ou não. É um distúrbio psíquico caracterizado por uma prática sexual não aceita pela sociedade.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, (DSM-IV-TR), o mesmo manual que conceitua outros transtornos como a psicopatia, por exemplo, conceitua pedofilia como uma psicopatologia que se caracteriza por um desvio sexual crônico em que um adulto, podendo ser do sexo masculino ou feminino, possui desejos ou fantasias sexuais com crianças impúberes, ou seja, menores de treze anos de idade, durante um período de tempo, causando transtornos na vida social e ocupacional.

A Classificação Internacional de Doenças (CID-F. 65.4) define: “ A pedofilia é a preferência sexual por crianças, quer se trate de meninos, meninas, ou crianças de um ou do outro sexo, geralmente pré-pubescentes ou não.”

Muitos casos vistos e divulgados pelos veículos midiáticos trazem como sujeito ativo do crime pessoas que são conhecidas pela vítima, inclusive familiares próximos (pais, irmãos, tios). Há também um grande número de crimes de pedofilia cometidos por profissionais encarregados dos cuidados da criança (professores, inspetores de alunos, entre outros).

1.2- O perfil do abusador

O DSM-IV, da Academia Americana de Psiquiatria cita algumas características para a identificação de um pedófilo, a fim de evitar possíveis abusos:

- Intensa atração sexual, fantasias sexuais ou outros comportamentos de caráter sexual por menores de 13 anos de idade ao longo de um período de pelo menos seis meses.
- Realização dos desejos, ou comportamentos afetados por eles, causando dificuldade ou estresse nas relações interpessoais.
- A pessoa é maior de 16 anos e pelo menos cinco anos mais velha do que a criança citada. Essa classificação não abrange relacionamento amoroso entre indivíduos entre 17-19 anos com indivíduo com 12-13 anos de idade.

Rodrigo Brisolla Pollato Silva, em sua Monografia apresentada ao Núcleo de Prática Jurídica da Fundação Educacional do Município de Assis, intitulada: “Pedofilia na Internet e as Inovações Trazidas pela lei 11.829/08 no Estatuto da Criança e do Adolescente, faz em seu trabalho uma referência ao estudo do psiquiatra Francês Patrick Dunaigre sobre a classificação dos pedófilos:

“ Neste sentido o estudo do psiquiatra francês Patrick Dunaigre defende a existência de dois tipos de abusadores de crianças, o oportunista, regressivo ou situacional e o estruturado, fixado ou preferencial. Segundo o psiquiatra, abusadores oportunistas são aqueles que tendem a cometer abuso sexual contra crianças em períodos de estresse, sem no entanto se sentirem excitados com elas. Na maior parte dos casos as vítimas são pertencentes á própria

família e nem sempre crianças de pouca idade, pois possuem preferência sexual por adultos. O ataque não envolve relações diretas como a penetração, mas sim carícias disfarçadas como cócegas ou mesmo alguns beijos calorosos em partes mais íntimas do corpo infantil.

Por sua vez, os abusadores preferenciais ou pedófilos característicos geralmente tendem a cometer atos de natureza sexual contra vítimas de tenra idade, bebês ou crianças na pré-puberdade (antes dos 13 anos) que frequentemente não são de sua família. Eles possuem valores ou crenças que suportam fortemente um estilo de vida voltado a essa prática.”

O estudo feito pelo psiquiatra é bem mais objetivo do que a classificação trazida pelo DSM-IV, pois é no primeiro que pudemos reconhecer os casos que vemos diariamente, onde a descrição feita pelo estudioso bate com o perfil dos abusadores. Geralmente os agressores classificados como oportunistas estão relacionados ao abuso de álcool ou drogas. Já os abusadores preferenciais tendem a escolher profissões que os aproximem das vítimas.

1.3- A Pedofilia nos dispositivos legais

Em 1989 foi aprovada pela ONU a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, que obrigou os estados a adotarem medidas que protejam a integridade sexual das crianças e adolescentes.

Em 07 de agosto de 2009 foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei 12.015/09, chamada Lei da Pedofilia, que alterou o

Código Penal a respeito dos crimes sexuais contra crianças e adolescentes. Leia-se:

Estupro de vulnerável

Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos:

Pena - reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos.

§ 1o Incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas no caput com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.

§ 2o (VETADO)

§ 3o Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave:

Pena - reclusão, de 10 (dez) a 20 (vinte) anos.

§ 4o Se da conduta resulta morte:

Pena - reclusão, de 12 (doze) a 30 (trinta) anos.” “Satisfação de lascívia mediante presença de criança ou adolescente

Art. 218-A. Praticar, na presença de alguém menor de 14 (catorze) anos, ou induzi-lo a presenciar, conjunção carnal ou outro ato libidinoso, a fim de satisfazer lascívia própria ou de outrem:

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.” “

Passou a ser considerado crime portando, a prática de relação sexual contra menor de 14 anos e deficientes. Anteriormente à criação da lei, era considerado como atentado violento ao pudor.

1.4- Exploração Sexual Infantil

O Centro de referências, estudos e ações sobre crianças e adolescentes (CECRIA) conceitua a exploração sexual infantil como uma situação presente em todo o mundo e que atinge principalmente aqueles de

classe sociais menos favorecidas e também está ligada a fatores culturais e disparidades nas relações de igualdade entre as pessoas.

Vincente Faleiros, no estudo intitulado “ A Exploração Sexual Comercial de Meninos, Meninas, Crianças e Adolescentes” de 1998, afirma que a exploração sexual infantil é o abuso do corpo em troca de dinheiro. Leia-se:

“ A exploração sexual comercial é uma violência sexual sistemática que se apropria comercialmente do corpo como mercadoria para auferir lucro. Mesmo inscrito como “autônomo”, sem intermediários, o uso (abuso) do corpo em troca de dinheiro, configura uma mercantilização do sexo e reforça os princípios simbólicos, imaginários e culturais machistas, patriarcais, discriminatórios e autoritários. Essa imagem de “marca”, parafraseando o marketing não é só característica nas zonas de garimpo, mas de modernas redes que oferecem nos anúncios: “corpinho de adolescente”, “carinha de criança”, “loirinha” “moreninha.”

Existe realmente um certo marketing nas redes de exploração e comercialização do corpo infantil, para atrair o público de abusadores de acordo com suas preferências. Podemos ver que a criança se torna despersonalizada e tratada apenas como produto sexual.

O termo “prostituição infantil” foi abolido pela Comissão Parlamentar de Inquérito da prostituição infantil em 1993, passando portanto a ser conceituado como “ exploração sexual infantil”, uma vez que compreende-se que o termo “prostituição” advém da vontade própria de vender o corpo, sendo essa vontade pertinente só em adultos, plenamente capazes.

Uma criança ou adolescente não escolhe tal caminho e sim é induzida ou obrigada a segui-lo, por isso o termo “exploração”.

Dentro do conceito, encontram-se as diversas formas de exploração, como a prostituição, o tráfico e a venda de pessoas, intermediação e lucro com base na comercialização sexual, o turismo sexual e a pornografia infantil.

A Unicef divulgou um gráfico, com o número de denúncias de exploração sexual infantil em cada região brasileira, no período de maio de 2003 a fevereiro de 2005. O Estado do Ceará é onde mais se concentram as denúncias, somando 179 e o Estado possuidor do menor número de denúncias é Roraima, com apenas uma. Ressaltando o fato de que tal crime é um dos menos denunciados no país.

Uma das mais importantes fontes de dados sobre a exploração sexual infantil é o Programa Sentinela, uma iniciativa do governo federal com ações dirigidas à crianças, adolescentes e famílias que enfrentam essa situação, priorizando municípios onde se concentram a maioria dos casos, como regiões ribeirinhas, zonas de garimpo, locais de fronteiras e reservas indígenas.

1.5 Perfil das vítimas de exploração

Segundo a UNICEF, as vítimas de exploração são geralmente afrodescendentes, de classes econômicas menos favorecidas, habitam em regiões periféricas, possuem baixa escolaridade e já sofreram algum tipo de violência familiar. São atraídas pelos aliciadores pela possibilidade de ganhos financeiros.

A própria UNICEF define a exploração sexual infantil como uma “questão ainda cercada de tabus, medos, omissões e até mesmo indiferença em vários segmentos da sociedade.”

Existem políticas de conscientização e prevenção da exploração sexual comercial infantil, porém a questão cultural é enraizada e passa de geração para geração, aliado ainda às más condições sociais e a necessidade de trazer provimentos para o lar.

As vítimas de exploração geralmente não se manifestam nem denunciam o problema, muitas vezes por medo de uma represália por parte dos aliciadores e também, pelo fato de que precisam dos ganhos para a subsistência de si mesmas e de suas famílias.

II- A presença da Pedofilia na Literatura

Este capítulo trará a análise literária da presença do tema abordado, a fim de mostrar através de obras literárias, a evolução da moral humana sobre a relação de um adulto com um púbere e também visualizar as opiniões dos autores sobre o tema.

Os romances analisados trazem em seu conteúdo personagens que estão em contato com a pedofilia ou com a exploração sexual infantil e através destes poderemos traçar um cronograma histórico sobre a criminalização do tema, observando os aspectos psicológicos, morais e críticos das personagens perante a situação.

2.1- Lolita e a imagem da “ninfeta”.

Lolita, romance norte americano escrito pelo russo Vladimir Nabokov é considerada até hoje uma das obras mais polêmicas da literatura do século 20. Recusado por muitas editoras, foi publicado em 1958, nos Estados Unidos.

Trata-se de um romance obsessivo, cercado pelo desespero do protagonista, Humbert, um professor de inglês de meia idade, à espera, na cadeia, pelo

juízo por homicídio. Narra suas memórias sobre o romance com Dolores Haze, ou Lolita, uma garota de 12 anos, filha de sua esposa.

Carlos Heitor Cony, membro do Conselho Editorial e colunista da Folha de S. Paulo, faz no verso da capa da edição publicada pela Folha em 2003 a seguinte consideração:

“ Um dos clássicos da literatura do Século 20, Lolita é bem mais que um romance. É o momento de reflexão do homem na meia-idade, diante do desafio da geração mais nova. É centrado o relacionamento radical do boy meets girl, embora o homem em questão esteja longe de ser um rapaz e a moça não seja bem mais do que uma menina.” (página 03)

Lolita, como bem se vê foi uma obra vanguardista pois abordou tabus e despadronizou o romance comum entre homem e mulher, como nas obras de Jane Austen, por exemplo.

Em 1962, o diretor de cinema Stanley Kubrick lançou uma adaptação do romance de Nabokov, conseguindo ir além do clima de desespero presente do livro e dando vida à personalidade das personagens do livro. Na famosa cena do encontro entre Lolita e Humbert, no jardim, Kubrick retrata bem a sedução sutil entre os protagonistas, a sucumbência do professor aos encantos da menina que nada inocentemente tomava sol no jardim. Retrata a personalidade provocadora de Lolita, seu poder de sedução, a obsessão e o desejo de Humbert e também a consciência deste, de que estava fazendo algo moralmente inaceitável.

Os primeiros indícios de que o envolvimento sexual entre um adulto e uma criança era imoral e ilegal na época da publicação do livro, está na frase de Humbert,:

“ (...) e logo depois eu me vi amadurecendo numa sociedade que permite a um homem de vinte e cinco anos cortejar uma moça de dezesseis, mas não uma menina de doze” (página 19)

Pode-se dizer portanto que tal observação se assemelha ao entendimento dos Tribunais Superiores hoje em dia, onde há uma idade limite para que a relação seja considerada pedofilia. Uma garota de dezesseis anos possui hoje em dia mais consciência e maturidade sexual do que uma de doze anos, por isso a importância de se analisar o desenvolvimento físico e psicológico de uma vítima de pedofilia.

Com o romance “Lolita” surgiu a expressão “ninfeta”, empregada até hoje em nossa sociedade para designar aquelas garotas, que apesar da pouca idade, já possuem a malícia e a capacidade de seduzir os homens. Leia-se:

“ Quero agora expor uma ideia. Entre os limites de idade de nove e catorze anos, virgens há que revelam a certos viajores enfeitiçados, bastante mais velhos do que elas, sua verdadeira natureza- que não é humana, mas nínfica (isto é, diabólica). A estas criaturas singulares proponho dar o nome de “ninfetas”. (página 18)

A personagem Lolita é a responsável pela perturbação psicológica do protagonista ao longo da trama da obra, porém é apenas uma garota de doze anos, o que nos leva ao questionamento de que se realmente há uma consciência e malícia por parte de Lolita ao seduzir Humbert.

Encaixando a ficção na realidade podemos refletir sobre a grande presença de conteúdo sexual nas músicas e programas de televisão hoje, tornando as crianças e adolescentes cada vez mais suscetíveis a esse conteúdo e acabam querendo imitar esse modelo de sexualidade que têm acesso, independentemente da censura etária dos programas de televisão.

O gênero que mais incentiva a sexualização precoce de crianças e adolescentes é o funk brasileiro, com suas letras picantes e danças de movimentos sensuais.

Esse contato com a sexualidade, tão cedo, é extremamente prejudicial para o desenvolvimento psicológico do adolescente e principalmente da criança, que precisa de um modelo para seguir e que muitas vezes desconhece o real conteúdo daquilo que ouve ou assiste.

O pedófilo se atrai não só fisicamente pelo corpo em desenvolvimento de uma criança ou adolescente, mas também pelas características psicológicas destes, como a ingenuidade e a inocência.

No desenvolver do romance de Nabokov, é muito presente a tensão psicológica entre o protagonista e Lolita, pois há uma clara consciência da imoralidade do ato por parte de Humbert, mas talvez não haja a mesma consciência em Lolita, onde muitas vezes pode-se levar o leitor a pensar que todas as provocações da ninfeta talvez sejam fruto da imaginação e da malícia de Humbert.

Pequenos gestos da personagem causam um transtorno físico e psicológico no protagonista, que se questiona o tempo todo sobre seus atos, porém é evidente que o aspecto físico do conflito é muito mais forte do que o psicológico.

Há um trecho que descreve um momento entre Lolita e Humbert, onde a criança realiza um gesto inocente, que causa porém, uma tensão sexual entre os dois:

“ E então, com absoluta simplicidade, a imprudente criança pousou as pernas sobre meu colo.

A essa altura eu me encontrava num estado de excitação que beirava a insanidade,mas possuía também a astúcia dos loucos. Sentado no sofá, consegui harmonizar, por uma série de movimentos furtivos, minha recôndita lascívia com suas pernas inocentes”(página 60)

Tal trecho indica uma situação de abuso, ainda que subjetivamente, pois Humbert admite estar satisfazendo um desejo sexual através do ato da criança, sentada em seu colo.

Grande parte dos casos de abusos relatados nos processos inicia-se da mesma maneira: o abusador se aproveita de atitudes que não representam malícia, como sentar no colo, brincar e acariciar a criança, para satisfazer seu desejo sexual. Geralmente, esse tipo de situação passa despercebida por aqueles que cuidam da criança e inclusive por esta mesma. A maioria das denúncias de abuso sexual ocorre quando se descobre uma relação sexual mais concreta entre a vítima e o abusador, ainda que não ocorra a penetração.

A relação entre uma criança pré-púbere e um adulto tratada no livro, ainda que de modo poético, romancista e fictício, nos remete a vários casos onde o abuso ocorre dentro do ambiente familiar, começando por pequenos gestos do abusador para com a vítima e este muitas vezes é a figura que deveria zelar pela integridade da criança ou adolescente.

2.2- O abuso relatado pela própria criança no conto de Marcelino Freire

O autor pernambucano Marcelino Freire em seu conto “Papai do Céu”, publicado no livro Balé Ralé, retrata com um certo ar de surrealidade o abuso de uma criança cometido pelo próprio pai, e tal conto é narrado pelo ponto de vista do próprio abusado, onde pode-se perceber a

inocência da criança em relação ao abuso ocorrido durante o banho.

Leia-se:

“ Papai pede pra eu colocar xixi na espuma branca e eu coloco xixi na espuma branca (...) papai sorri e eu também fico sorrindo (...)”
(FREIRE, MARCELINO,)

Zigmunt Bauman afirma em sua releitura do texto de Michael Foucault “História da Sexualidade” que as crianças são consideradas na modernidade vítimas potenciais de seus pais como objeto sexual.

No conto de Marcelino Freire, o abuso é disfarçado e sutil, mas o leitor consegue enxergá-lo na descrição da cena do banho.

Outro ponto importante a ser analisado na obra é a presença da violência doméstica na vida da criança, a falta de estrutura no ambiente familiar:

“ Já ouvi outra vez papai chamar mamãe de puta aí não entendi porque eu não posso chamar mamãe de puta se papai chama mamãe de puta”
(Balé Ralé, página 94)

A figura do pai abusador é vista ainda como um exemplo para o menino, que se espelha em suas condutas, querendo imitá-las.

A situação retratada no conto é a maneira como ocorrem a maioria dos abusos no ambiente familiar. Inúmeras vezes outras figuras da família estão cientes do abuso, mas têm medo de relatá-lo às autoridades por conta da violência doméstica.

Quando um inquérito de abuso é instaurado, é muito difícil provar com perícias médicas a existência deste, pois, como na situação descrita no conto, não houve a penetração, o ato sexual em si, portanto não existem

marcas físicas a serem examinadas no corpo da criança e muitas vezes o indiciado acaba sendo inocentado por falta de provas.

Por outro lado, existe a possibilidade de provar o abuso através de laudos psicológicos, onde psicólogos ouvem a vítima, pedem para a criança fazer desenhos que possam interpretar o abuso ocorrido e tudo isso é juntado aos autos como forma de prova, ainda que subjetiva.

2.3- A Denúncia Social na Obra de Gabriel García Marquéz.

O premiado autor colombiano, falecido no presente ano escreveu em 1972 o conto "A Incrível e Triste História de Cândida Erêndira e Sua Avó Desalmada" que traz em seu conteúdo relatos claro de exploração sexual infantil, além de abusos morais por parte da avó da personagem, que antes de prostituí-la, obrigada a criança a realizar serviços domésticos a ponto de causar fraqueza na menina.

A exploração tem início com um incêndio acidental na casa onde as duas habitavam, então, a avó decide prostituir a neta para sobreviver dos lucros provenientes da atividade.

A primeira coisa a ser vendida, foi a virgindade da personagem sendo esta, negociada como uma mercadoria qualquer. Leia-se:

" (...) quando a levou ao tendeiro do povoado, um viúvo esquálido e novo, muito conhecido no deserto porque pagava a virgindade a bom preço.

Diante da impávida expectativa da avó, o viúvo examinou Erêndira com uma austeridade científica: considerou a rijeza de suas coxas, o tamanho de seus seios, o diâmetro de seus quadris. Não disse uma palavra enquanto não calculou seu valor.” (página 100)

Tal passagem nos mostra que era considerado culturalmente aceitável a compra da virgindade de jovens. O livro não faz nenhuma menção sobre a ilegalidade do fato. Pode-se crer que não há tal menção considerando-se o espaço em que a obra se situa: povoados, desertos, terras sem lei onde quem dita as regras são os fortes e os bem capitalizados.

Após a venda da virgindade de Erêndira, esta é conduzida pelo seu comprador ao local onde o ato sexual seria realizado. A vítima tentou oferecer resistência e sofreu agressões para que o ato pudesse ser consumado.

No percurso da história, a avó vai conduzindo a neta prostituída por outros vilarejos, até se estabeleceram em meio ao deserto, onde a avó passou a “divulgar” sua mercadoria:

“ O holandês perguntou na sua língua:
 - Que diabos venderão aí?
 - Uma mulher- respondeu seu filho, com toda naturalidade. – Chama-se Erêndira.
 - Como é que você sabe?
 - Todo mundo no deserto sabe.- respondeu Ulisses.” (página 110)

A personagem é explorada e comercializada sexualmente de modo desumano. Não existe vontade própria, ela é apenas um recipiente que deve estar em uso o tempo todo para gerar lucro. Leia-se:

“No fundo, em uma pequena cama de lona, Erêndira não podia controlar o tremor do corpo, estava maltratada e suja de suor de soldado.

- Avó- soluçou. – Estou morrendo.

A avó tocou-lhe a testa e, ao verificar que não tinha febre, tratou de consolá-la.

- Agora só faltam dez militares- disse.

Erêndira começou a chorar com uns uivos de animal apavorado. A avó compreendeu então que ultrapassara os limites do horror e, acariciando-lhe a cabeça, ajudou-a a se acalmar.” (página 112)

A realidade de Cândida Erêndira, infelizmente faz parte da de crianças que são exploradas sexualmente e inseridas nesse mercado tão cruel e desumano, onde há a despersonalização da criança e do adolescente, onde há a perda da dignidade.

Geralmente, assim como na obra de García Márquez, as vítimas de exploração são aliciadas por seus próprios familiares, são vítimas de condições sociais e culturais precárias, são usadas como forma de lucro e subsistência.

Por mais que existam inúmeras políticas para o combate à exploração sexual infantil, é utópico querer erradicar o problema, pois ele nasce no seio da própria família das crianças exploradas. Deveria haver um rigor nas leis muito maior do que o atual.

A questão geográfica também influencia muito na dificuldade de combater a exploração sexual infantil. Não é possível cobrir todas as áreas de exploração, apenas onde há o maior foco e número de casos denunciados.

Além da perda da dignidade, a criança explorada perde sua essência, perde a sua infância e sua inocência e por mais que existam tratamentos psicológicos para essas situações é impossível desfazer as cicatrizes que ficam na mente e até mesmo no corpo violado da criança e do adolescente que foi comercializado sexualmente.

III- Das formas de assistência à criança abusada

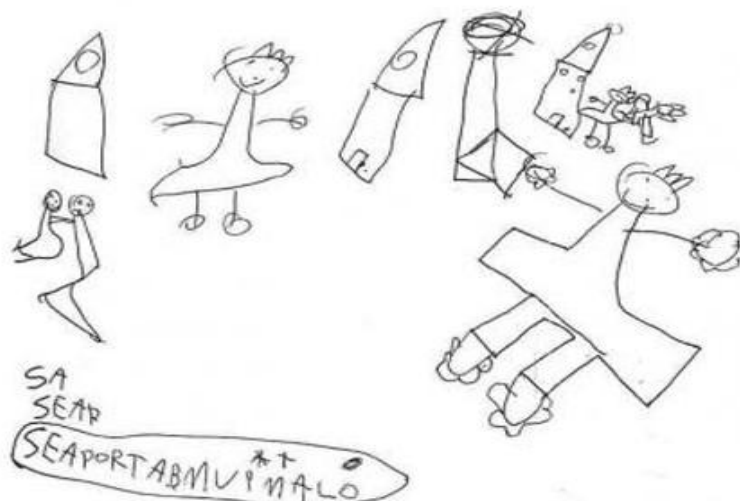
3.1- Relatando o abuso através de desenhos

Fazer a criança abusada contar sobre o ocorrido é extremamente complicado, pois inúmeras vezes estas foram ameaçadas pelos abusadores, além do fato de que falar sobre a temática sexual com uma criança exige muita delicadeza.

A criança, quando vítima de abuso se encontra com o psicológico muito abalado, já que além do próprio abuso em si, também existem os procedimentos pós- violação, como a ameaça, o constrangimento, ter que contar o ocorrido para os familiares, para as autoridades policiais, passar por perícias para comprovar o abuso.

Uma forma menos constrangedora de expressar os abusos, encontrada por aqueles que acompanham psicologicamente as vítimas é o desenho, onde por meio dele a criança tenta relatar o abuso sofrido.

O site “Hypeness” reuniu alguns desenhos feitos por crianças, mostrados em um documentário chamado “Los Monstros de Mi Casa” (em português, “Os monstros da minha casa”), seguem



abaixo alguns dos desenhos das crianças e a descrição feita pelo site:

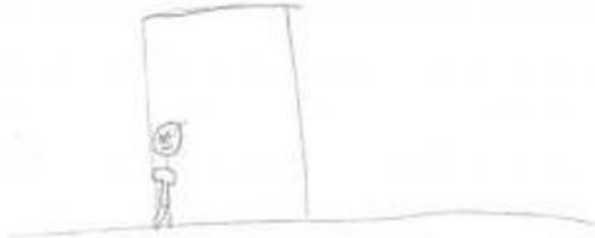
1- Elena, 6 anos

“Elena sofreu abusos e maus-tratos por parte do pai. Agora vive com sua avó em um orfanato. No desenho representa seu pai, que a procurava desde muito pequena e ter relações sexuais com ela. Elena escreve, “tem sido muito ruim.” No desenho, a figura grande, sorridente e acolhedora representa a avó, com o qual você se sente protegida.” (HYPENESS)



David, 8 anos:

“ No desenho ele mostra o abusador com olhos vermelhos e desenha o órgão sexual dele. Ao lado ele escreve palavras que o agressor o chamava enquanto o abusava.” (HYPENESS)



3-



Isabel, 8 anos:

“ Ela se desenhou no canto direito, em cima de uma cadeira, que era onde o abusador a colocava para conseguir penetrá-la. No canto superior esquerdo é o seu irmão, que via tudo que estava acontecendo.”

4-



Marina, 5 anos

“Era abusada pelo pai desde os 4, e ainda a obrigava a assistir filmes pornô. Ela retrata no desenho um desses filmes, e diz que eles “estavam fazendo porcarias”.



5-

Ester, 9 anos

“Ela desenhou a posição que estava com seu abusador quando o fato ocorreu.”



6-

Toni, 6 anos

“No desenho ele retrata seu abusador com detalhes, mostrando o órgão sexual dele, e ejaculando”

Ao analisarmos os desenhos podemos enxergar claramente a desestruturação emocional em que se encontram as vítimas, a relutância em falar sobre o ocorrido, o medo, a vergonha e a consciência de que foi algo ruim o que ocorreu com elas e a tentativa de expressar, através dos traços infantis suas lutas para superar o problema.

O desenho é uma forma eficaz de abordar a criança vítima de abuso sobre o tema, de forma delicada e que aproxima os psicólogos, das vítimas.

3.2- Projeto Pétala- Hospital Regional de Assis.

Quando vítima de abuso, a criança passar primeiramente por um acompanhamento médico para de dimensionar a proporção do abuso e após isso que começa o acompanhamento psicológico.

O Hospital Regional de Assis oferece ambos acompanhamentos para as vítimas através do Projeto Pétala. Segue a entrevista com a psicóloga atuante no Projeto, Claudia Galhardo Matheus:

a) O que é o Projeto Pétala?

O Projeto Pétala é um programa de atendimento á saúde de crianças,adolescentes,adultos e idosos , de ambos os sexos,que tenham sido vítimas de abuso sexual,este atendimento se estende ao município de Assis e aos 25 municípios que compõem a Diretoria Regional de Saúde VIII.

b) Qual o objetivo do Projeto?

O objetivo é atender as vítimas,segundo o protocolo do programa,no que diz respeito a saúde e integridade física e emocional.A vítima chega ao Hospital Regional e após abertura de prontuário médico,é encaminhada a Clínica Obstétrica,onde é acolhida pelo serviço de enfermagem,sendo este atendimento 24 horas, finais de semana e feriados. Daí decorrem duas possibilidades;1) se a vítima estiver em pré menarca é atendida pela equipe de Pediatria(médico e enfermeiro que estiver de plantão).2) se a vítima estiver em pós menarca é atendida pelo ginecologista que estiver no plantão.Procede-se então a anamnese,exames e administração de medicamentos segundo critérios médicos pré-estabelecidos.A equipe faz

contato com a DDM e esta comunica o legista que vem ao Hospital para proceder exames para fins legais.O atendimento médico no hospital é feito somente com boletim de ocorrência.Após esse procedimento a vítima é encaminhada ao Serviço de Psicologia,Serviço Social e Infectologista,sendo estes atendimentos agendados.Cabe lembrar aqui que no caso de vítimas do sexo masculino adultos o atendimento é feito pela equipe da Clínica Médica.

c) Em média, quantas crianças e adolescentes fazem parte do Projeto?

O termo não é fazem parte,mas sim ,quantas pessoas ,entre crianças e adultos que foram atendidas no Programa Pétala,foram 346 entre crianças e adultos,desde 2005 até 2014.

d) Qual o tipo de acompanhamento fornecido às vítimas?

A psicologia avalia o caso,faz orientações e acompanhamento se necessário.Na maior parte das vezes,é feito encaminhamento para rede de saúde do município de origem.

O Serviço Social avalia,orienta e encaminha para rede de apoio social(CREAS, Conselho Tutelar).

O Infectologista avalia os medicamentos , verifica os exames e dá seguimento segundo protocolo específico.

e) Após o acompanhamento, apresentam melhoras?

Os casos são singulares,cada situação é específica,acreditamos que melhorem no que diz respeito ao nosso atendimento,porém não fazemos seguimento das vítimas.

f) Qual o perfil socioeconômico das crianças e adolescentes assistidas pelo Projeto?

Não temos esse dado pra fornecer pois não fazemos levantamento de perfil sócio-econômico.

g) Qual o procedimento para encaminhar uma vítima de abuso ao projeto?

As vítimas podem vir espontaneamente ou encaminhadas pelo Conselho Tutelar,Polícias,Escolas, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente,Unidades Básicas de Saúde,Estratégia de Saúde da Família,etc.È só se dirigir ao Hospital Regional e será atendida conforme o protocolo do programa.

Esta entrevista nos mostra que na cidade de Assis e na região há uma ocorrência pequena de casos, comparando-os com comarcas maiores e outras regiões nacionais e que há um bom acompanhamento das vítimas em relação à exames e pronto atendimento, porém não há um acompanhamento posterior e mais detalhado para saber se houve melhora.

Esclarece também sobre o procedimento, o encaminhamento da vítima ao Projeto e as atitudes que são tomadas quando chegam ao Hospital Regional, uma criança ou adolescente abusado.

Não existe porém, um levantamento sobre o perfil socioeconômico das vítimas, ou dados sobre se existe uma concentração maior de casos em determinado bairro da cidade.

Considerações Finais

No desenvolvimento da pesquisa pôde-se concluir que a pedofilia e a exploração sexual infantil são hábitos que foram culturalmente adquiridos e fazem parte da história da sexualidade humana.

Porém, a criança e o adolescente passaram a ser vistos como vítimas quando houve a descaracterização da normalidade do hábito e então se começou a valorizar a proteção á integridade sexual dessas vítimas, hipossuficientes em relação aos adultos abusadores.

Essa consciência sobre a imoralidade da relação sexual entre um pré-púbere e um adulto capaz começou a ser adquirida nos anos 50, como se pôde observar no romance *Lolita*.

Com a nova valoração do fato, os legisladores respaldaram a criança e o adolescente através da criação do ECA em 1990 e (Estatuto da Criança e do Adolescente), que protege a criança e o adolescente em vários aspectos, não somente o sexual.

O Código Penal também sofreu adaptações para proteger a integridade sexual das vítimas e punir os abusadores. O artigo 217-A regula sobre o estupro de vulnerável.

Observou-se também a dificuldade em provar o abuso sexual através de perícia, uma vez que nem sempre ocorre a penetração e nem sempre os abusos deixam marcas físicas.

Sobre a prevenção e combate á exploração sexual infantil, no país existem programas para isso e que são atuantes principalmente nas regiões onde há maior concentração de casos, como o norte, por exemplo.

Em relação ao tratamento e acompanhamento das vítimas, ele é feito profissionais da saúde e da psicologia e após isso as vítimas recebem orientações de entidades como o Conselho Tutelar. Falta, portanto um acompanhamento mais detalhado e pessoal da vítima e também mais prolongado para saber as dimensões do trauma psicológico causado pelo abuso.

Referências Bibliográficas:

ÂNGELO, Juliana Diniz. **Violência Sexual em Crianças e Adolescentes/SP**. Trabalho de conclusão de curso apresentado em 2009 ao Curso de Direito do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis- IMESA.

BAUMAN, Zigmunt. **“O mal estar na pós-modernidade”** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069, 13 de julho de 1990.

DA MATA, Anderson Luis Nunes. **O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa contemporânea brasileira**. Dissertação apresentada em 2006 ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília para a obtenção de título de Mestre em Literatura.

DINIZ, Paulo Henrique Alves. **A Pedofilia e o Direito Brasileiro**. Trabalho de conclusão de curso apresentado em 2011 ao Curso de Direito do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis- IMESA.

FIGUEIREDO, Karina. **Violência Sexual: Um fenômeno complexo**. Artigo publicado pela Unicef-Brasil. http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_03.pdf. (acessado em 15 de abril de 2014)

FREIRE, Marcelino. **Balé Ralé**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade**. Vol.1. Rio de Janeiro, Graal, 1998.

JUNGES, Marcia. **Nem sempre a pedofilia foi algo errado**. IHU on-line, 26 de abril de 2010. <http://www.ihuonline.unisinos.br/>. (acessado em 15 de abril de 2014)

MÁRQUEZ, Gabriel García. **A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1972.

MARTINS, Georgina. **Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea**. Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182013000100008&script=sci_arttext. Acessado em 25 de junho de 2014.

Universidade de Brasília

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. São Paulo, Folha de São Paulo, 2003.

<http://www.hypeness.com.br/2013/09/serie-de-fotos-mostra-desenhos-de-criancas-retratando-o-abusos-que-sofreram/>. Acessado em 27 de julho de 2014